

Resolução de Questões de Provas Específicas – (4)

E	U	
P	A	S-
S	O	

	T	U
P	A	S-
S	A	S

E	L	E
	R	A-
L	A	

Resolução de Questões de Provas Específicas – (4)

1. (UERJ)

Texto II

Desencontrários

Mandei a palavra rimar,
ela não me obedeceu.

Falou em mar, em céu, em rosa,
em grego, em silêncio, em prosa.

5 Parecia fora de si,
a sílaba silenciosa.

Mandei a frase sonhar,
e ela se foi num labirinto.

Fazer poesia, eu sinto, apenas isso.
10 Dar ordens a um exército,
para conquistar um império extinto.

PAULO LEMINSKI

GÓES, F. e MARINS, A. (orgs.)

Melhores poemas de Paulo Leminski. São Paulo: Global, 2001.

*Mandei a palavra rimar,
ela não me obedeceu.
Falou em mar, em céu, em rosa,
em grego, em silêncio, em prosa. (v. 1-4)*

No fragmento acima, o emprego da palavra “prosa” possibilita duas interpretações distintas do verso sublinhado: uma que reafirma o que ele expressa e outra que se opõe a ele. Apresente essas duas possibilidades de interpretação.

2. (UFPR) As razões da revolta

As manifestações das ruas trouxeram pelo menos uma certeza: o jovem brasileiro, com seu poder de articulação pelas redes sociais, mudou. De uma forma de protestar à distância, com

certa **dose de descaso e “chacota” contra as instituições (de que sempre se percebeu** apartado), ele se mobilizou com rapidez, invadiu o espaço público e reagiu contra o que não concorda.

O estopim foram o aumento do ônibus e a reação truculenta da polícia. Na esteira do protesto inicial, vieram as demandas concretas: a péssima qualidade do transporte, a corrupção, os conchavos políticos, as incongruências entre o investimento em saúde e educação e as fortunas gastas com estádios e futebol, enfim, o abismo entre o Brasil que se vende para o mundo e a nação real, com sua violência, trânsito e serviços precários.

Muitos críticos cobraram falta de foco dos jovens e dificuldade de controle das massas que saíram às ruas. Isso deu, dizem os críticos, espaço para grupos mais radicais e bandidos, que causaram violência. Mas será que houve falta de foco?

Embora as queixas sejam muitas e variadas, alguns padrões em comum podem ser identificados. Trata-se, em primeiro lugar, de um movimento mais horizontal, sem liderança clara. Alguns grupos, como o Movimento Passe Livre (MPL), logo apareceram. Mesmo dentro deles, **não parece haver voz única. Boa parte das manifestações se dá “por contágio”. Mesmo o jovem inicialmente acomodado se sente “tocado” pela onda de protestos e decide sair à rua**, para participar do momento histórico. A insatisfação crônica com o status do país se transformou de forma rápida, talvez pela capilaridade das redes sociais, numa indignação ativa, potente geradora de força de mobilização. [...]

Os políticos correram para achar uma explicação e tentar dar respostas (algo que não andam acostumados a fazer). Algumas demandas foram rapidamente atendidas. É simplista, porém, justificar o que aconteceu com o fato de o jovem não se sentir representado. Além da crise de representatividade política, que não é queixa só do jovem, faltam a perspectiva de um país melhor – mais justiça, melhores condições de transporte, saúde e educação – e uma percepção menos ufanista e mais real do Brasil.

O desafio dos jovens é manter a força do movimento, num momento em que os governos atendem parcialmente a algumas demandas. Os políticos deveriam perceber que o desafio é usar essa força para mudar o país naquilo que ele tem de pior. Têm de limpar as feridas para facilitar a cicatrização. Não adianta dourar indefinidamente a pílula, na espera de um Brasil que nunca chega.

(Jorge Bouer, Época, 08 jul. 2013.)

A partir do texto, considere as seguintes afirmativas:

1. As redes sociais propiciaram que os jovens se distanciassem das instituições públicas para poder melhor se mobilizar e criticá-las.
2. A falta de liderança clara confirma a tese de falta de foco do movimento.
3. O movimento das ruas fez com que um estado de insatisfação se transformasse em algo prático.

4. Não se sentir representado foi apenas uma das motivações para as manifestações dos jovens.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa 3 é verdadeira.
- b) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 2, 3 e 4 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.
- e) As afirmativas 1, 2, 3 e 4 são verdadeiras.

3. (UEMG)



Tendo-se em vista a interação que se percebe entre Mafalda e Filipe, personagens da tira apresentada, e o conteúdo da mesma, considere as seguintes afirmações:

I – O emprego da forma verbal “fala”, no primeiro quadrinho, pode ser entendido como um constrangimento que Mafalda tentou causar em seu amigo Filipe, por ele desconhecer o ambiente em que se achava.

II – No primeiro quadrinho, a última frase dita por Mafalda estabelece uma relação de causa, diante do que ela disse anteriormente, no mesmo quadrinho.

III – O uso do vocábulo “então”, no terceiro quadrinho, deve-se ao fato de Filipe já ter excluído, após a resposta dada por Mafalda no quadrinho anterior, a primeira hipótese que ele havia inicialmente levantado.

IV – A ausência de elementos verbais no último quadrinho confirma as respostas de Mafalda nos dois quadrinhos anteriores, além de destacar o humor presente na tira.

V – O quadrinho final faz uma dura crítica à situação em que o nosso mundo se encontra, pois nem mesmo cuidados especiais, de acordo com visão da personagem Mafalda, resolveriam a maior parte dos problemas atuais do nosso planeta.

Está correto o que se afirmou em:

- a) I, II e IV.
- b) II, III e IV.
- c) I, III e V.
- d) II, III e V.

4. (UFRGS) Se, em um tempo futuro, muito distante, só tivessem sobrado de nós vestígios e alguns deles fossem encontrados, e entre esses, fotografias, pensemos que um fato seria possível: por meio delas, para os que as encontrariam, poderia se operar uma revelação. As fotografias diriam sobre quem fomos e como vivemos. Caso os habitantes do futuro encontrassem, por acaso, soterrado um arquivo de fotografias de guerra, quem sabe deduziriam a condição daquela humanidade perdida e suspirariam de alívio pela nossa Se, ao contrário, o que encontrassem fossem álbuns de uma prosaica família, apreciariam crianças fotografadas, ao longo dos anos, sempre tão divertidas, cenas de trivial alegria.

Por um lado, redução: há como superar a finitude. Por outro, castigo: não se esquecerá enquanto houver a fotografia. O que se lembra diante do retrato de um anônimo fotografado no séc. XIX? Há sempre um encanto imanente nessas imagens do passado; são como pontos que não se cruzam, como caminhos indicados por setas que parecem levar a lugar nenhum. Mas nos fazem desejar, pela expectativa do que se pode ver do outro lado, cruzá-los.

Um postulado pode ser enunciado nos termos de que, se está na imagem, existe; ou, tratando-se de fotografia, se está na foto, existiu e pode ou não ainda existir. Na esteira dessa lógica, então, seria aceitável considerar que esquecer é humano e lembrar é fotográfico. Se remontarmos às nossas experiências, considerando o álbum de família, seguramente a maioria de nós dará como depoimento a surpresa do encontro com o passado. A palavra encontro talvez seja um superlativo do que realmente acontece, visto que o máximo que a fotografia nos oferece é a possibilidade de uma projeção do aproximar-se com o que foi. Há uma tendência em acreditarmos na foto, desde, é claro, que a informação nela contida não nossas certezas projetadas em imagens mentais sobre o passado. Uma personagem de **Virginia Wolf comenta: “Não possuímos as palavras. Elas estão por trás dos olhos, não sobre os lábios”. E sem as palavras, o que contariam as fotografias? Talvez não possam contar, mas seguramente alguma coisa do passado vem evocada nelas, como a dúvida, ou no mínimo a nostalgia daquele fato fragmentado em imagem, na referência a outra pessoa em uma festa perdida na lembrança.**

Adaptado de: MICHELON, F. F. Introdução. In: MICHELON, F. F.; TAVARES, F. S. (orgs.). Fotografia e memória. Pelotas, RS: EdUFPEl, 2008. p. 7-15.

Para abordar o tema, a autora utiliza diferentes mecanismos de organização interna dos parágrafos. Na coluna da direita abaixo, estão listados esses mecanismos; na da esquerda, os parágrafos do texto que correspondem à presença ou ao predomínio desses mecanismos. Associe adequadamente as colunas.

1 - Primeiro parágrafo (l. 01-16).

2 - Segundo parágrafo (l. 17-26).

3 - Terceiro parágrafo (l. 27-52).

- () Predomínio de mecanismos de contraste e de oposição, indicados por nexos articuladores.
- () Presença de mecanismos de explicação e de conclusão, indicados por nexos articuladores.
- () Predomínio de mecanismos de hipóteses e de suposição, indicados por conjunções.
- () Presença do mecanismo de citação, indicado por sinal de pontuação.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) 1 – 2 – 3 – 1.
- b) 1 – 3 – 2 – 1.
- c) 2 – 3 – 1 – 3.
- d) 2 – 2 – 1 – 3.
- e) 3 – 1 – 2 – 3.

5. (UERJ) A máquina

Faltando somente um minuto para a hora marcada, às onze e cinqüenta e nove exatamente, Antônio entrou na máquina de sua própria morte, feita com suas próprias mãos, e todos os olhos, todos os ouvidos, todas as câmeras e todos os microfones do mundo apontaram para ele, um patrocínio Alisante Karina, ele vai morrer de amor por você. Se pudesse divulgar o que estava sentindo, sem trazer inquietação ao coração de Karina, talvez Antônio tivesse confessado ali mesmo, pro mundo todo ouvir, que estava com um medo desgraçado, sabe o verbo medo? Mas não parecia. Quem olhava para ele, ou seja, o mundo inteiro, não diria nunca que se tratava de um homem que sentia um frio no espinhaço. E foi então que deu a hora certinha que Antônio tinha marcado para partir, meio-dia em ponto, cinco, quatro, três, dois, um, Ave-Maria, e seu coração disse pra sua cabeça, vá, e sua cabeça disse pra sua coragem, vou, e sua coragem respondeu, vou nada, mas Antônio não ouviu. E quando as setecentas lâminas da máquina da morte botaram para funcionar, todas elas ao mesmo tempo, na maior ligeireza, o mundo todo que estava esperando para ver tripa de Antônio, sangue de Antônio, osso de Antônio virar pó, não viu foi coisa nenhuma.

Adriana Falcão A máquina. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999

No fragmento “e sua coragem respondeu, vou nada,” (l. 19-20), há simultaneamente um processo de personificação e um de antítese. Explique como se constrói cada uma dessas figuras de linguagem no fragmento dado.

Há personificação, porque o termo “coragem” responde como se fosse um ser humano. 4 Há antítese, porque, quando a coragem responde “vou nada”, mostra que lhe falta exatamente a coragem.

6. (UFRGS) Por volta de 1928, Henry Ford debatia-se com uma ideia fixa: queria encontrar uma fórmula salvadora para o problema do suprimento da borracha para sua indústria. Estava cansado de aturar os preços que os ingleses de Ceilão lhe impunham. Como? Plantando borracha na Amazônia. Não havia o súdito inglês Henry Wickham transportado às escondidas para a Inglaterra as mudas da seringueira da Amazônia? Tudo estava em organizar seringais homogêneos em terras apropriadas. Por conseguinte, rumo ao Brasil, rumo à Amazônia.

O Brasil exultou. E logo o governo brasileiro recebe os emissários de Ford como costuma receber os americanos em geral: de braços abertos. Começa o trabalho. A mata resiste, mas Ao passo que os tratores vão fazendo a derrubada para a clareira, já as casas começam a surgir, o hospital, os postos de higiene, as quadras de tênis, as mansões dos diretores. Dentro da floresta amazônica, o iaque fizera surgir uma nova cidade. E tudo como convinha. Três mil caboclos trabalhavam; um milhão de pés de seringueira eram plantados. A floresta arquejava, mas cedia. E quando, decorridos apenas dois anos, as seringueiras começam a despontar em pelotões, em batalhões, em regimentos, ninguém mais tem dúvida sobre o desfecho da luta.

Entretanto, Ford ia recebendo e lendo relatórios. E estes contavam histórias diferentes das que figuravam nos frontispícios dos jornais: definhavam as seringueiras pelo excesso de sol e pela falta de umidade e de humo. Estavam murchando ao sol da região. À falta de proteção das sombras da floresta tropical, o exército de seringueiras de Mr. Ford ao sol. Triunfava o desordenado da selva contra a disciplina do seringal.

Devemos concluir daí que na Amazônia seja de todo impossível estabelecer florestas homogêneas ou que o grande vale seja de todo impróprio para o florescimento de uma grande civilização? Ainda não. Por enquanto, a conclusão a tirar é outra. Na verdade, o que se fez nas margens do Tapajós foi transplantar para o trópico a técnica, os métodos e os processos de resultados comprovados apenas em climas temperados ou frios – a ciência e a técnica do cultivo da terra próprias para os trópicos estão ainda em fase empírica e elementar.

Assinale a alternativa que apresenta expressões contextualmente equivalentes aos nexos “Por conseguinte”, “Ao passo que” e à locução adverbial “de todo”, nesta ordem.

- a) Portanto – Assim que – de modo geral
- b) Em contrapartida – Enquanto – absolutamente
- c) Desse modo – Ao mesmo tempo que – no todo
- d) Assim – À medida que – inteiramente
- e) Logo em seguida – À proporção que – totalmente

Gabarito

1. (UERJ) A palavra não obedece ao poeta, pois a palavra “prosa” é uma modalidade de texto em que não há rima. A palavra obedece ao poeta, pois o vocábulo “prosa” rima com “rosa” e “silenciosa”.
2. D
3. B
4. C
5. (UERJ) Há personificação, porque o termo “coragem” responde como se fosse um ser humano. Há antítese, porque, quando a coragem responde “vou nada”, mostra que lhe falta exatamente a coragem.
6. D